

CORRUPÇÃO & DESIGUALDADE SOCIAL

Denize Dutra

Apesar do meu orgulho de ser Brasileira e de, constantemente, valorizar tudo aquilo que temos de BOM neste país, e que, nem sempre, é percebido e reconhecido fora, não posso deixar de admitir (com pesar) que estamos vivendo, mais do que uma crise política e institucional, uma crise moral. Neste cenário de sucessivos escândalos sobre a corrupção dos parlamentares, tenho me questionado sobre qual é o meu papel como cidadã, empresária, profissional e mulher na construção do Brasil que eu acredito que possamos SER.

Na edição 83 (julho de 2005) do INSIGHT, informativo eletrônico do Instituto MVC, do qual faço parte, meu amigo Marco Aurélio Vianna, manifesta, no editorial, a mesma preocupação através do texto que compartilho aqui com os amigos leitores:

“A avalanche de crimes de corrupção que assola o país merece uma profunda reflexão por parte de qualquer cidadão que queira deixar um país melhor para seus filhos e netos. Especificamente, nós, membros da comunidade empresarial, que temos a missão de orientar ou conduzir blocos humanos maiores, devemos dedicar uma consistente porção de nossa inteligência e energia, e tentar dar uma concreta resposta à pergunta: o que fazer?... Em meu ponto de vista, a Democracia, única alternativa de sistema metapolítico para o Mundo e o Ser Humano do Século XXI não pode permitir que sua liberdade tenha como subprodutos o crime organizado, a corrupção deslavada, a pirataria, a falsificação, o tráfico de entorpecentes e a violência urbana. A democracia não pode ser desmantelada para Anarquia. - O que podemos fazer? - Em primeiro lugar aumentar o nível de consciência do Humano mais nobre dentro de nosso *locus* de atuação. Quanto mais despertarmos nossos Seres Humanos para as Virtudes Engrandecedoras, mesmo que somente no nosso espaço, estamos contribuindo para a melhoria do mundo. Em seguida, devemos deslançar um sério programa de não contribuição ao fora-da-lei. Se conseguirmos vencer a tentação de comprar um CD pirata ou de tirar cópia xerox de um livro, estaremos, também dentro do nosso tamanho, contribuindo para a diminuição do crime organizado. Finalmente, temos de agir de maneira profunda e enérgica na construção de uma consciência política séria, ética, integrada. Infelizmente, temos de ter consciência de que o Brasil está longe daquilo que imaginávamos, para seu futuro, há vinte anos atrás. A eliminação da inflação, a eleição direta para presidente, a globalização, a evolução da tecnologia, e até o sentido mais nobre da vida (em alguns estratos da população) não foram suficientes para vencer os vícios atávicos da ganância, do poder, do rei Dinheiro, do curto prazismo e da própria falta de Ética. Há muito ainda o que fazer”.

Pensando sobre as palavras de Marco e, certa de que, realmente, há muito que fazer, lembrei de uma recente matéria da Folha de São Paulo, em que Gustavo Ioschpe, afirma que é a EDUCAÇÃO e não a reforma política, o caminho adequado ao combate à corrupção, pois acredita que a mesma é fruto da grave desigualdade social. Segundo ele:

“a desigualdade gera a primeira corrupção, que é a corrupção moral... Essa corrupção moral anda de mãos dadas com a corrupção legal. A concentração de poder econômico gera não só a soberba e a boçalidade daqueles que o detém, como também os meios materiais avassaladores para comprar a consciência dos despossuídos. O poderio econômico gera poderio político, que gera o controle sobre as instituições, que ridiculariza a letra da lei. Quando a lei é aplicável apenas a alguns, não é aplicável a ninguém. Deixa de ser lei. Vira exercício discricionário de vontades e inclinações individuais. Essa clivagem gera aqueles que se sentem acima da lei e aqueles que se sabem desprotegidos por ela. Gera a soberba dos primeiros e a desilusão dos últimos. Via de regra, o primeiro

vira candidato, e o segundo, seu eleitor. A corrupção da esfera pública não é fenômeno novo, mas transposição de práticas privadas a outros gabinetes. Essa não será, portanto, prática coibida com a mudança da legislação política, com o aumento de penas ou com a alternância no poder. É preciso, antes, que a sociedade a rechace em suas vidas e ações. E para que isso aconteça, temos de diminuir o fosso que nos separa. A forma mais cabal de o fazer é através da educação. Estudos mostram que mais da metade de nossa desigualdade de renda pode ser explicada pela desigualdade educacional de nossas crianças. Que, por sua vez, é explicável pela miserável qualidade do sistema público de ensino.”.

Para comprovar a gravidade deste problema, pesquisa publicada em maio passado, pelo IPEA - “Radar Social” - tomando por base dados de 2001, afirma que o país tem uma das piores distribuições de renda do mundo -1% dos brasileiros mais ricos se apropriam de parcela de renda semelhante a que detém metade dos brasileiros mais pobres. Esta evidência nos mostra que, além de ser preciso reverter o papel do Estado que, hoje, é mínimo para o social e máximo para o capital, é também necessário fazer uma ação coletiva pela ampliação dos direitos dos cidadãos e pela distribuição mais justa da riqueza, que possibilite recriar possibilidades efetivas de construir o país que a gente deseja e, certamente, isto passará pela educação (formal e informal).

Coincidentemente (ou não?!) o Governo brasileiro lança, em toda mídia, uma campanha cujo *slogan* é “**Dê um bom exemplo, que esta moda pega!**”, que, através de uma música e de imagens de pessoas tendo atitudes políticas e socialmente corretas, tenta passar para o povo que a educação começa em casa, por cada um, pelo exemplo, e não pelo discurso. Certamente, o problema da corrupção não se resolverá com esta campanha, nem por outra ação isolada e, muito mesmo, a curto prazo, como num passe de mágica, mas serão ações como esta, de dar o BOM EXEMPLO, que poderão resgatar os valores morais e éticos de nossa sociedade e a nossa credibilidade nas instituições e nas pessoas, restaurando nossa esperança de um Brasil viável e justo! Aquele que ainda sonhamos...

Agosto 2005.